

LÍNGUA PORTUGUESA E OS ESTUDOS LITERÁRIOS E LINGUÍSTICOS PRODUZIDOS NO BRASIL

ANGELA MARIA GOMES
(ORGANIZADORA)

LÍNGUA PORTUGUESA E OS ESTUDOS LITERÁRIOS E LINGUÍSTICOS PRODUZIDOS NO BRASIL

ANGELA MARIA GOMES
(ORGANIZADORA)

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação: Natália Sandrini

Edição de Arte: Lorena Prestes

Revisão: Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense

Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa

Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará

Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá

Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima

Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões

Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie di Maria Ausiliatrice

Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense

Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão

Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará

Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste

Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador

Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano

Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás

Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná

Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Msc. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Dr. Adailson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Msc. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Msc. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Msc. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
 Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
 Prof. Msc. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
 Prof. Msc. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
 Prof^a Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
 Prof. Msc. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
 Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
 Prof^a Msc. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
 Prof^a Msc. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
 Prof^a Dr^a Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
 Prof. Msc. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
 Prof. Msc. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual de Maringá
 Prof. Msc. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
 Prof^a Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
 Prof^a Msc. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
 Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
 (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)**

L755 Língua portuguesa e os estudos literários e linguísticos produzidos no Brasil [recurso eletrônico] / Organizadora Angela Maria Gomes. – Ponta Grossa, PR: Atena, 2020.

Formato: PDF
 Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader
 Modo de acesso: World Wide Web
 Inclui bibliografia
 ISBN 978-65-81740-10-8
 DOI 10.22533/at.ed.108201902

1. Educação. 2. Língua portuguesa. 3. Linguística. I. Gomes, Angela Maria.

CDD 410

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

Atena Editora
 Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Podemos vislumbrar a literatura representando a plenitude funcional da linguagem, um saber da Língua não limitado à competência idiomática. “Língua Portuguesa e os Estudos Literários e Linguísticos produzidos no Brasil” nos traz pesquisas que abordam relações entre os campos literário e linguístico, a integração entre os ensinamentos de língua e literatura, as quais constituem uma forma conjunta e única da nossa cultura.

A leitura constitui uma atividade central tanto para a formação docente em si, como para a construção de ações didático-pedagógicas à altura das exigências e complexidades dos espaços sociais e institucionais da sociedade contemporânea. A experiência com o texto literário, além de levar a uma análise das estratégias linguísticas de construção desse texto, colabora também para a construção de um pensamento crítico acerca de questões éticas, políticas, sociais e ideológicas.

Aqui encontramos reflexões que vão ainda além: o universo das práticas pedagógicas com foco no ensino de literatura e psicanálise, propondo-nos como objetivo uma prática de ensino construindo uma interface entre a psicanálise junguiana e a literatura gótica vitoriana; a poesia nos apresentada como a verdade da obra dramática e a escrita literária revelada como uma partitura verbal para a linguagem poética na obra do dramaturgo Ariano Suassuna; a análise dos aspectos espaciais, não apenas como elementos estáticos em uma narrativa, mas com uma significativa funcionalidade dentro do texto literário, analisado aqui na obra do escritor português José Saramago.

Entre tantos gêneros e composições literárias, o conto é uma narrativa curta que gira em torno de um só conflito, com poucos personagens. Mas Como ler um conto de três parágrafos apenas? Pode um título ser um verso que em seis palavras condensa os mais variados mistérios da vida? Estas e outras reflexões literárias você encontra aqui!

Angela M. Gomes

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
"A VERDADEIRA CASA DE CADA UM É O SÍTIO ONDE DORME" – ESPAÇO EM <i>ENSAIO SOBRE A CEGUEIRA</i>	
Yane Scavinski	
DOI 10.22533/at.ed.1082019021	
CAPÍTULO 2	15
A ESCUTA POÉTICO-MUSICAL DE "UMA MULHER VESTIDA DE SOL": LITERATURA E MÚSICA EM UNIDADE PERFORMÁTICA NA OBRA DE ARIANO SUASSUNA	
Célia Patrícia Sampaio Bandeira	
DOI 10.22533/at.ed.1082019022	
CAPÍTULO 3	25
A LEITURA COMO ESPAÇO PARA FORMAÇÃO DE PROFESSORES DA EDUCAÇÃO BÁSICA: HÁ UM OUTRO CAMINHO?	
Heliud Luis Maia Moura	
DOI 10.22533/at.ed.1082019023	
CAPÍTULO 4	41
DEFICIENTE AUDITIVO E SURDO: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES	
Sílvia Cleide Piquiá dos Santos Ilza Galvão Cutrim	
DOI 10.22533/at.ed.1082019024	
CAPÍTULO 5	52
ENSINANDO INTERATIVIDADE AOS PROFESSORES DA PRÉ-ESCOLA COM AUXÍLIO DO MOODLE EM SALA DE AULA	
Felipe Bertelli Levez Fabriciu Alarcão Veiga Benini	
DOI 10.22533/at.ed.1082019025	
CAPÍTULO 6	59
LITERATURA E MATEMÁTICA: UMA EXPERIÊNCIA INTERDISCIPLINAR	
Diana Patricia Ferreira de Santana Neide Biodere	
DOI 10.22533/at.ed.1082019026	
CAPÍTULO 7	65
"MENTIRAS E VERDADES NO MESMO CHÃO": UMA TRAVESSIA PELO CONTO DE MARIA LUCIA MEDEIROS	
Lídia Carla Holanda Alcantara	
DOI 10.22533/at.ed.1082019027	
CAPÍTULO 8	76
O MÉDICO E O MONSTRO EM INTERFACE COM A PSICANÁLISE JUNGUIANA: UMA PROPOSTA PARA UMA PRÁTICA PEDAGÓGICA NO ENSINO DE LITERATURA	
Gabriel Penteado Rocha Lucia Maria dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.1082019028	

SOBRE A ORGANIZADORA..... 90

ÍNDICE REMISSIVO 91

O MÉDICO E O MONSTRO EM INTERFACE COM A PSICANÁLISE JUNGUIANA: UMA PROPOSTA PARA UMA PRÁTICA PEDAGÓGICA NO ENSINO DE LITERATURA

Data de aceite: 14/02/2020

Gabriel Penteado Rocha
Lucia Maria dos Santos

RESUMO: A presente pesquisa tem como universo as práticas pedagógicas com foco no ensino de literatura e psicanálise, e apresenta a problemática da abordagem instrumental de ensino de literatura no ensino médio e o distanciamento dos alunos da visão transformadora da literatura. Ainda que haja uma quantidade considerável de pesquisas sobre o ensino de literatura em nível médio, a maioria delas pouco faz referência a práticas pedagógicas interdisciplinares. Propõe como objetivo uma prática pedagógica de ensino de literatura construindo uma interface entre a psicanálise junguiana e literatura gótica vitoriana “O médico e Monstro” de Robert Louis Stevenson. A pesquisa fundamenta-se no arquétipo da sombra e projeção de C.G. Jung (2008), Ana Haddad Baptista (2012) e Antonio Cândido (1972;2004) que versam sobre o perfil transformador da literatura no ser humano. Conta com as contribuições de Zweig e Abrams (1991) nas definições de projeção e arquétipos. Privilegiou a pesquisa de campo e utilizou as

técnicas do círculo de cultura de Paulo Freire (1991) em sala de aula para promover a interação com os alunos e pesquisador.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura-psicanálise; Duplo; Práticas Pedagógicas; Subjetividade.

INTRODUÇÃO

Os documentos oficiais da educação básica brasileira contemplam o ensino de literatura, não obstante a proposta parece um tanto nebulosa. No parágrafo 2 do artigo I da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN) a literatura, no processo educacional, deve “vincular-se ao mundo do trabalho e à prática social.” Nessa perspectiva, o último requisito é o incentivo e exigência ao aluno do acesso pleno à prática da leitura. Tal constatação se intensifica com a leitura dos artigos 26, 27, 35 e 36. Ainda que de maneira superficial, Consta, no inciso I do artigo 36 que o estudo “das letras e das artes” deve ser contemplado no Ensino Médio. Acrescenta-se que “a língua portuguesa deve servir como instrumento de comunicação, acesso ao conhecimento e exercício da cidadania.” (BRASIL, 1996, p. 27837). Depreende-se, a partir disso, que a disciplina Literatura faz

parte dos estudos de Língua Portuguesa e deve cooperar para que o aluno tenha uma formação de trabalhador produtivo e socialmente sensato.

Nessa mesma esteira, ao observar os Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio (PCNEM) da área de Linguagens, Códigos e suas Tecnologias, temos que: “literatura integra-se à área de leitura” (BRASIL,2000, p. 18); o que pressupõe o ensino da literatura como uma disciplina pertencente à disciplina apenas de Língua Portuguesa. Isso pressupõe que a literatura de clássicos americanos e ingleses não têm uso no aprendizado na disciplina de língua inglesa como uma ferramenta para aprendizagem de aspectos culturais, históricos e linguísticos. Muito embora a literatura, em seu sentido amplo, seja imprescindível para apoio à língua portuguesa em todos os sentidos, há que se considerar que ela traz no bojo aspectos-chave e essenciais para a formação da condição humana. A literatura é o caminho de formação de sujeitos onde se constroem leitores críticos em uma sociedade. É o estético e a arte, sem a qual não é possível ser e estar no mundo. Cano e Portolomeos (2016) corrobora a importância da literatura como uma arte benéfica de construção de sujeitos ao afirmar que:

“A formação plena do sujeito na sociedade não pode prescindir do ensino da literatura, uma vez que esta é capaz de proporcionar aos indivíduos acesso a um tipo de experiência que transcende as experiências cotidianas ligadas ao trabalho e a vida cívica. Ao entrar em contato com textos literários, isto é, textos que tem por finalidade o prazer estético a partir do trabalho de elaboração textual, o aluno tem a oportunidade de desenvolver sua sensibilidade, faculdade constitutiva de sua humanidade, e de poder compreender, sob outra perspectiva, a organização da sociedade em que vive.” (Cano e Portolomeos, 2016. p.32)

A literatura potencializa a sensibilidade, emocionalidade, a criticidade e curiosidade diante dos fatos da vida. Baptista (2012, p.39) também nos fala que literatura ajuda o indivíduo a enxergar além do que a sociedade lhe permite ver, porque ela “assusta, incomoda e desenterra o fossilizado”. Para Cereja (1995 apud Amorim, 2010, p.6): “Literatura é a arte da palavra”. Ela é um instrumento de comunicação que cumpre um papel social de produção de conhecimento da cultura de uma comunidade. Por meio dos textos literários tenta-se apreender o significado das relações entre o real e o imaginário, bem como procura-se incitar o refletir, o pensar e o sonhar dentro de uma de gama de subjetividade. Ele é o ponto de partida para a formação de uma leitura crítica cujo exercício amplia a capacidade de visão de mundo e da consciência da leitura crítica dos textos literários e de sua subjetividade. É por meio de uma escrita literária onde o sujeito identifica as emoções, intenções, razões contidas nela. Por isso, o texto convida o sujeito a imaginar e o coloca em pleno exercício de sua subjetividade. Isso significa que, como lembra Cândido (2004), a literatura faz parte da formação da personalidade, mas não como a sociedade idealiza. Assim, “nas mãos do leitor, o livro pode ser

fator de perturbação e mesmo de risco” (Cândido, 2004, p.176). A literatura é um dos ambientes mais livres, pois não quer corromper nem edificar o aluno segundo regras preestabelecidas; ela traz “livremente em si o que chamamos o bem e o que chamamos o mal, humaniza em sentido profundo, porque faz viver” (Cândido, 2004, p.176). Ponderando tais questões, conclui-se que o ensino de literatura nas escolas não deveria se restringir ao ensino da cultura portuguesa ou brasileira, mas deveria ser uma disciplina que contemplasse a produção artística de outras culturas em todos seus aspectos como uma literatura geral e interdisciplinar.

Dado que as interpretações das obras literárias não se esgotam em si mesmas, elas acabam por ensejar um estudo interdisciplinar como um exercício de reflexão da expressão artística, pois o fenômeno artístico possui uma relativa autonomia, que lhe garante certa lógica imanente impossível de ser subsumida a interpretações exclusivistas. Então, promover a interface com outras áreas de conhecimento, como a psicanálise, é uma das possibilidades de elevar o ensino e aprendizagem da literatura para um nível de criticidade, autoconhecimento e pertinência.

Muitos psicanalistas citam de obras literárias como ilustração de transtornos psíquicos. Um deles, Stevens (1991), aponta para o diálogo marcante e existente entre psicanálise e literatura no seu texto “A sombra na história da literatura” no qual demonstra que vários personagens personificam uma categoria teórica junguiana, o arquétipo da sombra:

“Nossa fascinação por Fausto e Mefistófeles, por Jekyll e Hyde deriva da natureza arquetípica do problema que eles cristalizam. Num sentido, tanto Fausto como o Dr. Jekyll são heróis, pois ousam fazer aquilo que a maioria de nós evita: preferimos nos comportar como Dorian Gray, vestindo uma face (Persona) inocente para o mundo e mantendo ocultas nossas qualidades más, na esperança de que ninguém as descubra. Entretemos pensamentos de “perder” a Sombra, renunciar à nossa dualidade moral, expiar o pecado de Adão e, novamente reconciliados com Deus, reingressar no Jardim do Éden. Inventamos a Utopia, o El Dorado ou Shangri-lá, onde o mal é desconhecido. Buscamos consolo nas fantasias marxistas ou rousseauianas de que o mal não está na nossa natureza e, sim, na sociedade “corrompida” que nos mantém agrilhoados; bastaria mudar a natureza da sociedade para que o mal desaparecesse para sempre deste mundo.” (Stevens, 1991, p.50)

Dentro do escopo dessa temática surgiram indagações, a saber: Que contribuição a interface literatura e psicanálise pode trazer para a formação da leitura crítica nos alunos de ensino médio? E quais contribuições a psicanálise junguiana traria para a prática pedagógica do ensino de literatura?

Buscou-se na obra da literatura gótica vitoriana “O médico e o monstro” (*The strange case of Dr. Jekyll and Mr. Hyde*) de Stevenson (1850-1894) subsídios para análise do arquétipo da sombra preconizado por Carl Jung (2008). A obra de Stevenson foi escolhida representar escrita literária emblemática, misteriosa que, entre aspectos, referencia as transformações mentais provocadas pelo novo mundo

industrial. Além disso, Stevenson, no desejo de expor sua crítica à sociedade vitoriana, nos presenteia com essa obra do final século XIX trazendo uma visão do homem na sociedade e das suas influências dela diante do inconsciente.

Com o objetivo de verificar se tal interface promoveria um ensino diferenciado da literatura, foi proposto um círculo de cultura (Freire, 1991) a uma turma-piloto de nível médio no qual foi possível reflexões sobre o “duplo”. Os resultados foram analisados à luz de Baptista (2012) e Cândido (1972;2004) e Jung (2008) e demonstraram o poder transformador da literatura quando abordada no âmbito da psicanálise.

A PSICANÁLISE EM STEVENSON

Sardello (1976) afirma que as áreas da Psicologia e Psicanálise estão de alguma maneira relacionadas com a Literatura. Ambas tratam da leitura do homem e do uso da palavra como matéria prima comum. O autor afirma que arte é um ambiente por meio do qual o inconsciente aflora. Segundo Gómez (2016), a literatura seria um mundo de personificações, uma maneira de dar vida ao interior (sentimentos, anseios, desejos) que, por sua vez, possui uma conexão com o exterior (mundo “real”). Um é o espelho do outro. Cândido (1972) nos fala que o vínculo entre imaginação e realidade:

“ [...] serve para ilustrar em profundidade a função integradora e transformadora da criação literária com relação aos seus pontos de referência na realidade. Ao mesmo tempo, a evocação dessa impregnação profunda mostra como as criações ficcionais e poéticas podem atuar de modo subconsciente e inconsciente, operando uma espécie de inculcamento que não percebemos.” (Cândido, 1972, p.805).

A partir disso, infere-se que o diálogo entre a literatura e psicanálise é possível, uma vez que pode-se articular sentimentos e anseios da personagem construída pelo autor por meio de ferramentas que a psicanálise pode prover. Se considerarmos os personagens de Jekyll e Hyde em “o Médico e o Monstro” e as considerações de Sardello (1976) e Gomez (2016) pode-se vislumbrar a relação do ser humano com a representação na literatura. Percebemos que a obra usa temas utilizados na área da psicanálise como, por exemplo, “duplo”, “outro”, “*doppelgänger*”, levando-nos à compreensão de que os pressupostos junguianos do arquétipo da sombra e projeção servem como pano de fundo da literatura de Stevenson.

Para os psicanalistas junguianos Zweig e Abrams, a “[...] sombra consiste em complexos e qualidades pessoais baseados em impulsos e padrões de comportamento que são uma inquestionável parte “escura” da estrutura da personalidade.” (Zweig e Abrams, 1991, p.38)

O lado obscuro da personalidade humana é expressamente representado na personagem Mr. Hyde um mal que para Jekyll seria um lado mais vivo e selvagem, um lado mais próximo da humanidade. Uma vez que,

“Parecia-me natural e humano. Apresentava-se a meus olhos como uma imagem mais vívida do meu espírito, mais expressiva e simples que o semblante imperfeito e dividido que até então me havia habituado a chamar meu. E nisso, sem dúvida, não estava enganado. Observei que, sob a aparência de Edward Hyde, ninguém podia aproximar-se de mim sem experimentar um visível tremor na sua carne. Creio que isto se devia ao fato de todos os seres humanos com quem tratamos serem uma mistura do bem e do mal; e entre os membros da humanidade, Edward Hyde era o único que representava o mal em estado puro.” (STEVENSON, 1994, p.83)

Hyde era o maligno. Sua aparência caquética ilustram o lado oculto de Jekyll, “qualidades” que fogem ao padrão moral e social. Hyde nada mais é do que a sombra de Jekyll, segundo a teoria de Jung (2008), uma representação deformada e deturpada de Jekyll. Ao considerar que Edward Hyde parecia natural e humano, Stevenson (1994) nos conduz à reflexão de que a sombra nos espreita em um canto escuro das camadas da nossa mente. É uma representação de nós mesmos, que nos é recíproca porém contrária. Ilustra aquilo que reprimimos: impulsos e desejos que ao menor descuido nos escapa. A sombra é o alter, o irmão gêmeo, o outro que estão expressos em Hyde, uma parte de nós que nos é universal. Daí a importância da literatura para o desenvolvimento do ser humano, porque:

“Toda arte, inclusive a literatura, evidentemente, comporta um lado inteligível, ou seja, um aspecto físico que é a sua materialidade, assim como comporta um lado sensível. O sensível da literatura está ligado à camadas mais profundas do entendimento humano que é um sentimento, como Saramago declara: “misterioso”.” (Baptista, 2012, p.62)

Baptista (2012) assim como Cano e Portolomeos (2016) trazem o aspecto “sensível” da literatura imprescindível para que a formação e evolução do indivíduo não permaneça estagnada e sem relação com mundo e com o sujeito. Cano e Portolomeos (2016) asseveram que “[...] o ensino de literatura é imprescindível para a formação plena do cidadão, uma vez que ele estimula e exercita os componentes emocionais e sensíveis inerentes ao indivíduo [...]”. É no exercício da subjetividade que o indivíduo se torna criativo, apto para resolver problemas inesperados do emocional.

C. G. Jung (2012) nos ajuda a abordar componentes emocionais que emanam da literatura de Stevenson por meio do arquétipo da sombra, uma das camadas da psique. Jung afirma todos nós temos uma sombra, um Hyde que representa o “[...] o lado “negativo” da personalidade, a soma de todas aquelas qualidades desagradáveis que preferimos ocultar, junto com as funções insuficientemente desenvolvidas e o conteúdo do inconsciente pessoal.” (Jung, 1917 apud Zweig e Abrams, 1991, p.27)

Segundo os junguianos Zweig e Abrams (1991), os aspectos da sombra são facilmente reconhecidos na projeção. A projeção está relacionada aos impulsos da sombra. Projetamos nos outros sentimentos e condutas que em nós estão reprimidos. À guisa de ilustração, toda raiva, inveja que sentimos por outras pessoas nada mais são que uma projeção do que realmente somos ou do que não aceitamos em nós mesmos.

O fenômeno projeção ocorre em algumas falas das personagens quando descrevem Hyde. Hyde, na verdade, pode ser considerado o camuflado do cenário de grande conservadorismo vitoriano. De forma mais acurada tratamos Hyde como se ele fosse alguém e cometesse barbaridades que não cometeríamos se pudéssemos. Para exemplificar a projeção, achamos que a violência está no mundo e nos outros, mas nunca em nós. O mal em Hyde está nele, mas nunca em nós. Agimos assim porque nos envergonhamos de quem somos. De quem estamos falando? Do outro ou de nós mesmos? Podemos interpretar a seguinte passagem como projeção quando uma personagem descreve Hyde: “[...] Dá para perceber que ele tem alguma coisa errada, alguma coisa desagradável, alguma coisa bem repugnante. Jamais encontrei um homem que eu detestasse tanto [...]” (Stevenson, 1994, p.23). Além da sombra, a questão da projeção foi uma das abordagens discutidas no círculo de cultura.

Atitudes, julgamentos, condutas sociais foram aspectos discutidos tendo Jekyll como modelo. Um cidadão dotado de qualidades sociais, mas que traz em si a luta constante entre o bem e mal inerente a todo ser humano. Segundo Santos et al (2018)

“Dentro do universo psicanalítico, Hyde é considerado a Sombra de Jekyll. O ser disforme e recalcado com a maldade estampada em sua face irrompe as portas do inconsciente desse respeitável médico, a quem, por sua vez, inebria-se com possibilidade, enfim, de expressar maldades e cometer atos bárbaros na Londres vitoriana”.

Ao lado de Jung, Baptista (2012) nos auxiliou no diálogo do ensino crítico da literatura. Aponta para a necessidade de desafiar o aluno e professor a construir um repertório. Faz uma crítica acirrada sobre a falta de mudança de pensamento no ensino e aprendizagem da literatura pontuando que o professor deve ser um assíduo leitor antes de exigir que o seu aluno leia. A formação do leitor se inicia com o professor. Acrescenta discussões sobre o ensino de literatura no cenário atual e seus desafios. Ela ainda aponta como a sociedade se comporta em relação ao tempo, pois espera-se da literatura uma resposta rápida, assim como nos novos meios de comunicação, em que tudo é instantâneo. Essa resposta esperada na literatura, apresenta-se em seu aspecto físico e sensível. Para a autora, “o sensível da literatura está conectado a camadas mais profundas do entendimento humano

[...]” (Baptista 2012, p.62) e compreende educadores e sociedade enfrentam um problema no ensino da literatura., Cândido (1972) corrobora Baptista ao acreditar que que a literatura e uma “força humanizadora, não como um sistema de obras. Como algo que exprime o homem e depois atua na própria formação do homem.” (Cândido, 1972, p.82)

Foi através da ideia da literatura como algo transformador que buscamos o teórico Cândido para enriquecer a pesquisa com a visão da literatura da perspectiva do amplo e, portanto, partir para a literatura dentro do ambiente escolar.

Diante de um arcabouço teórico composto por Jung, Candido e Baptista, foi possível experimentar a noção de uma formação mais humanística, que prepara os alunos para enfrentar problemas de ordem não apenas pragmática ou racional como também emocional. A turma piloto aprendeu junto com personagens e narrativas a “...desestabilizar costumes arraigados, tradições que condicionam a percepção do mundo, das coisas e até de si mesmo.” (Cano e Portolomeos, 2016, p. 54)

De certa forma, os ajudou nas “necessidades profundas que não podem deixar de ser satisfeitas sob pena de desorganização pessoal, ou pelo menos de frustração mutiladora” (Cândido, 2004 apud Cano e Portolomeos, 2016, p.55)

Diante disso, a possibilidade de uma abordagem interdisciplinar da literatura e psicanálise. Ela denuncia que a ‘sombra’ está presente numa linha tênue entre o ego e as demais camadas da psiquê. Vê representada na literatura, suas necessidades que se trabalhadas e supridas, apresenta o indivíduo ao seu irmão gêmeo, seu alter ego e, conseqüentemente, através de todo o trabalho e leitura praticados, os alunos desenvolvem a capacidade de autoconhecimento para aprender a compreender os que estão a sua volta.

O CÍRCULO DE CULTURA: UMA CONVERSA COM STEVENSON

A pesquisa é de natureza qualitativa e campo, pois buscou-se contemplar a literatura-psicanálise no ambiente escolar, de maneira a analisar os aspectos pouco explorados em clássicos da literatura inglesa em salas de aulas brasileiras. De acordo com Richardson (1999), o método de pesquisa qualitativo é especialmente válido em situações em que se evidencia a importância de compreender aspectos psicológicos cujos dados não podem ser coletados de modo completo por outros métodos, devido à complexidade dos dados. Por exemplo, na compreensão de atitudes, motivações, expectativas e valores.

Após a leitura da obra e análise de seus aspectos, partiu-se para as leituras da fundamentação teórica, que nos ajudou a encontrar, por exemplo, na obra de Stevenson a sombra preconizada por Jung.

Primeiramente, fizemos uma análise da obra e das falas dos personagens traçando um paralelo com as categorias teóricas da projeção e sombra de Jung. O intuito não era o de conduzir os alunos às reflexões patológicas de dupla personalidade e de transtornos mentais tão comuns na sociedade contemporânea, mas o de discutir atitudes e condutas que não tão facilmente percebidas e que se configuram na manifestação da sombra.

Escolhemos uma turma piloto do ensino médio de uma escola pública de São Paulo - Capital, e, na presença do professor de literatura, propomos uma prática pedagógica que contemplava discussões da literatura inglesa “O médico e o monstro”. O projeto foi recebido pela coordenação pedagógica da escola para análise e, após avaliação e entrevista, a pesquisa apresentou aprovação do corpo docente. Optou-se pelo nível médio do noturno por conta da idade e maturidade para discutir tais aspectos. Para apresentar a obra de maneira didática, foi proposta uma apresentação em powerpoint com uma breve biografia do autor, contexto histórico e um resumo da obra. Segundo, após os alunos estarem envolvidos na temática, foi realizado um “Círculo de cultura”, que segundo Paulo Freire (1991), seria um momento de reflexão e diálogo. Neste círculo de cultura, fora iniciado com os trechos da obra, cada um relacionado com determinado teoria de Jung.

Após realizadas as perguntas e obtermos a participação dos alunos no “Círculo de cultura”, as interações foram registradas em formato de áudio, para apresentar os resultados posteriormente. O quadro apresentado abaixo, indica os trechos selecionados, as falas dos alunos e uma relação da categoria teórica para cada trecho.

Discurso da Literatura	Discurso do aluno	Categoria teoria de Jung
<p>1.“ [...] como se chama o homem que pisou na criança? [...] - Não é fácil descrevê-lo. Dá para perceber que ele tem alguma coisa errada, alguma coisa desagradável, alguma coisa bem repugnante. Jamais encontrei um homem que eu detestasse tanto, mas nem por isso consigo lhe dizer por quê. Acho que ele deve ter algum aleijão; a impressão que se tem é de deformidade, só que não consigo saber qual.” (STEVENSON, P. 23)</p>	<p>Aluna 1: “A gente se comporta na sociedade, de certa forma, para caber sempre nos padrões, sabe? Você tem que ser bom, você tem que fazer uma coisa boa, porque é o que querem que fazem com você. Mas, todo mundo tem um lado mal, assim, que desperta, às vezes, de fazer uma brincadeira sem graça.”</p>	<p><u>Projeção</u></p> <p>“A projeção é um mecanismo inconsciente que usamos sempre que é ativado um traço ou característica da nossa personalidade que não está relacionada com a consciência [...] Vemos nos outros algo que é parte de nós, mas que deixamos de ver em nós.” (Zweig e Abrams, 1991, p.62)</p> <p>“Aquilo que condenamos no “inimigo” talvez nada mais seja que a projeção da sombra da nossa própria escuridão.” (Zweig e Abrams, 1991, p. 62)</p>

<p>2.“[...] Mr. Hyde era pálido e nanico; dava uma impressão de deformidade sem apresentar nenhum aleijão, tinha um sorriso desagradável, diante do advogado comporta-se como uma espécie de mistura feroz de timidez e ousadia e falava com voz rouca, sussurrante e um tanto irregular - e tudo isso depunha contra ele; mas nem mesmo tudo isso poderia explicar a aversão, a repugnância e o medo que despertara em mr. Utterson. “Deve haver alguma outra coisa”, pensava o perplexo cavalheiro. “Que há, há. Se pelo menos eu conseguisse descobrir o que é....Puxa vida, o homem dá a sensação de nem ser muito humano! Meio troglodítico, será que é isso? Um caso típico de bicho-papão? Ou será simplesmente a essência de uma alma corrupta irradiando-se de seu repositório de barro para transfigurá-lo? [...] Acho que é isso [...]” (STEVENSON, P. 31)</p>	<p>Pesquisador: “Vocês acham que tem uma relação, você ser mal e ter uma aparência, isso combina ou não?”</p> <p>Aluna 1: “Acho que isso é uma coisa que ficou para trás. Antigamente, por exemplo, se você fosse pensar assim, faroestes, aqueles caras tinham uma aparência de mau, assim, de certa forma, eles eram, mostravam... o jeito que eles se vestiam, se comportavam. Mas, hoje em dia está disfarçado na sociedade.”</p> <p>Aluna 1: “Mas isso está caindo, porque, se você for ver os maiores criminosos usam ternos. Então...”</p>	<p>Duplo</p> <p>“O Duplo é a Morte ou a Alma Imortal. Ele inspira medo e amor, desperta o “eterno conflito” entre a nossa “necessidade de semelhança e desejo de diferença”.” (Zweig e Abrams, 1991, p. 91)</p> <p>“A sombra e o duplo contêm, não apenas a escória da nossa vida consciente, mas também a nossa energia vital primitiva e indiferenciada, uma promessa do futuro cuja presença amplia a nossa percepção e nos fortalece através da tensão dos opostos.” (Zweig e Abrams, 1991, p. 110)</p>
---	---	--

<p>3. "Nasci em 18... herdeiro de uma grande fortuna e, ademais, dotado de excelentes qualidades, sendo por natureza afeito à operosidade e ao respeito dos sábios e bons dentre os outros homens. Consequentemente, como se pode imaginar, tinha todas as garantias de um futuro brilhante e respeitável. O pior de meus defeitos era um temperamento algo impaciente em sua alegria, de um tipo que já fez a felicidade de muitos, mas que eu achava difícil conciliar com meu imperioso desejo de andar com a cabeça erguida e adotar diante do público uma atitude mais severa que o comum. Por isso, passei a ocultar meus prazeres; e, quando atingi a idade da reflexão e comecei a olhar ao redor e avaliar meus sucessos e minha posição no mundo, já estava comprometido a uma profunda duplicidade de vida." (STEVENSON, P.79)</p>	<p>Aluno 2: "O personagem reprime seus próprios prazeres e seus costumes perante o padrão da sociedade, para poder se encaixar."</p> <p>Pesquisador: "Será que você ou as outras pessoas são boas e ruins? Ou gostariam de ser?"</p> <p>Aluno 2: "Não necessariamente, vai da pessoa, por exemplo, hoje em dia principalmente, a pessoa é o que ela quiser na internet, e quando está em sociedade, se comporta de outra maneira."</p> <p>Aluna 1: "Eu acho que sentimentos ruins vêm à tona a qualquer momento da vida de qualquer pessoa. Mas, o importante é você saber controlar, e também, aquele ditado universal "Não fazer com os outros, o que você não quer que faça com você". Acho que isso tem que levar em consideração, mas é uma coisa que espontaneamente um sentimento ruim ou bom surge nas pessoas, sem que você procure."</p> <p>Pesquisador: "Podemos pensar assim, também, quando éramos criança nós pintávamos, desenhávamos, e podíamos dançar, não importa se fosse menino ou menina, e a gente quando cresce acaba guardando em um lugar e, até se fala na obra, que acaba se tornando parte daquele lado que poderia ser positivo e acaba se tornando negativo. Porque você acha que guardamos aquilo, o que pode se tornar?"</p> <p>Aluna 1: "Acho que esse exemplo soa mais clássico, no caso de criança, por exemplo, quando você é pequeno, você pode brincar de boneca, porque pode decidir o que você vai ser no futuro, mas a partir do momento que você começa a crescer e ter responsabilidades, poder fazer suas próprias coisas, então, você não pode brincar de boneca, e isso se torna uma repressão, porque você não pode ser quem você é. Aí, justamente, que ativa o mal de cada um."</p>	<p>Arquétipo e Sombra</p> <p>"Os arquétipos são estruturas inatas e herdadas no inconsciente — "impressões digitais" psicológicas — que contêm características formadas de antemão, qualidades pessoais e traços compartilhados com todos os outros seres humanos." (Zweig e Abrams, 1991, p.29)</p> <p>"Por sombra, quero dizer o lado "negativo" da personalidade, a soma de todas aquelas qualidades desagradáveis que preferimos ocultar, junto com as funções insuficientemente desenvolvidas e o conteúdo do inconsciente pessoal." (Zweig e Abrams, 1991, p.27)</p> <p>"Jung referia-se à sombra como simplesmente aquela coisa que uma pessoa não queria ser." (Zweig e Abrams, 1991, p.28)</p>
---	---	--

Quadro explicativo do círculo de cultura

Como previa Baptista (2012), "a literatura por si só provoca e potencializa atitudes, que, talvez, nenhuma outra linguagem consiga." (Baptista 2012, p. 39)

E, foi nessa perspectiva que conseguimos resultados providos do "Círculo de cultura" com os alunos. Na tabela a seguir, foi colocado em correspondência o discurso da literatura (obra de Stevenson (1994), os comentários dos alunos e as categorias teóricas de Jung (2008) com colaboração dos junguianos Zweig e Abrams (1991), na busca da interface literatura- psicanálise e aluno do ensino médio.

Podemos considerar como primeiro resultado, a afirmação da necessidade da literatura em sala de aula e, na vida do discente. Vemos isso quando o aluno interage, desperta em si a curiosidade e a imaginação diante da obra, e não aceita apenas ouvir a história, mas sim, vê-la criticamente.

Portanto, quando pensamos no lado transformador da literatura, percebemos

que tem a capacidade de despertar tudo isso no aluno, assim como Baptista (2012) diz, a literatura “provoca e potencializa”, Cândido (1972) também coloca,

“[...] as camadas profundas da nossa personalidade podem sofrer um bombardeio poderoso das obras que lemos e que atuam de maneira que não podemos avaliar. Talvez os contos populares, as historietas ilustradas, os romances policiais ou de capa-e-espada, as fitas de cinema, atuem tanto quanto a escola e a família na formação de uma criança e de um adolescente. (Cândido, 1972, p.84)

Por exemplo, quando observamos alunos do ensino médio fazendo colocações como: “A gente se comporta na sociedade, de certa forma, para caber sempre nos padrões, sabe?”, é possível constatar não só um reconhecimento de atitudes e comportamento, mas um profundo olhar sobre si mesmo e como a sociedade funciona. Com isso, o aluno claramente está colocando seu ponto de vista de maneira crítica e consciente de seu papel e dos outros na sociedade. Outro ponto, é como a obra “O médico e o monstro” (1994) apresenta e desperta o lado psicanalítico no aluno, principalmente no que se referente às teorias de Jung. Observa-se no comentário da aluna a seguir, a visão de como o ser humano age na sociedade, em uma duplicidade de vidas. Logo, construindo uma ligação com o “duplo” da teoria de Jung. A aluna coloca: “[...] Você tem que ser bom, você tem que fazer uma coisa boa, porque é o que querem que façam com você. Mas, todo mundo tem um lado mal, assim, que desperta, às vezes, de fazer uma brincadeira sem graça.”

Além disso, foi possível ver uma intertextualidade, criada pelos alunos, entre a obra de Stevenson do século XIX, com o contexto atual do século XXI. Nota-se isso quando um dos alunos coloca: “[...] hoje em dia, principalmente, a pessoa é o que ela quiser na internet, e quando está em sociedade se comporta de outra maneira.” Exemplificando e transportando os personagens Mr. Hyde e Dr. Jekyll, que representam em seu contexto o bem e o mal, dia e noite, para os diversos *perfis fakes* nas redes sociais, onde, como dito, as pessoas podem ser o que quiserem, e apresentam outra face no dia a dia.

Bem como, quando o aluno teve contato com um dos trechos (número 3), mostrou-se chegar ao principal objetivo dessa pesquisa, além de desenvolver o olhar crítico no aluno, o aluno teve a chance de se autoconhecer e identificou como um ser “duplo”, e até propõe uma solução que vai de encontro com a pesquisa. Na seguinte afirmação,

“Eu acho que sentimentos ruins vêm à tona a qualquer momento da vida de qualquer pessoa. Mas, o importante é você saber controlar, e também, aquele ditado universal “Não fazer com os outros, o que você não quer que faça com você”. Acho que isso tem que levar em consideração, mas é uma coisa que espontaneamente um sentimento ruim ou bom surge nas pessoas, sem que você procure.”

Que complementa a afirmação de Zweig e Abrams (1991),

“O objetivo de encontrar a sombra é desenvolver um relacionamento progressivo com ela e expandir o nosso senso do eu alcançando o equilíbrio entre a unilateralidade das nossas atitudes conscientes e as nossas profundezas inconscientes.” (Zweig e Abrams, 1991, p. 23)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao final da pesquisa, é possível notar uma grande aderência e coerência, em interligar Literatura e Psicanálise dentro da sala de aula, especialmente, no ensino médio. Além disso, é visível que essas duas áreas têm suas características em comum, e se aplicadas em sala de aula, podem trazer grandes reflexões. Em relação aos alunos, a pesquisa chegou ao seu objetivo de fazer aluno, junto a essas áreas, desenvolver seu olhar crítico, se autoconhecer, e ter consciência da presença do “duplo” na sua vida. Para complementar, os alunos ainda propuseram uma possível solução para esse fenômeno, algo que não estava previsto na pesquisa, mas trouxe grande significância a ela.

Agora, revendo o caminho que a pesquisa percorreu, é possível verificar que a literatura enfrenta dificuldades no ensino em sala de aula, pois, percebeu-se não só que a literatura precisa ser apresentada aos alunos com uma “outra face” (ou seja, de maneira mais dinâmica e sempre instigando a leitura da obra, em uma época de *spoilers* e da internet) como também desatenção de alguns alunos, como suspeita-se de ser déficit de atenção ou hiperatividade: algo, atualmente bem comum, mas preocupante, que pode diminuir a efetividade da aprendizagem, se não contornada pelo professor. De qualquer forma, o intuito da pesquisa não abrange essa parte, entretanto, é importante acrescentar e deixar como registro, pois essa pesquisa pode seguir para outras linhas de pesquisa.

Essas percepções só foram possíveis graças ao “Círculo de cultura”, pois, neste momento os alunos tiveram a oportunidade de expor seus comentários de maneira reflexiva, tornando-o algo crucial à pesquisa.

Portanto, quando foi o tema escolhido, questionávamos como seria possível a interação entre a psicanálise no ensino médio. Entretanto, a pesquisa apresentou resultados satisfatórios, pois, a literatura traz ao aluno a auto reflexão e tem a capacidade de transformação. Então, quando chegamos ao ponto em que provamos que o aluno é capaz de identificar sua própria sombra emocionar-se com a literatura, e desenvolver seu olhar crítico, também deixamos aberturas para futuras pesquisas sobre duplo, projeção e sombra em outras obras, ou o aprofundamento desta e de outras questões em “O médico e o monstro”.

REFERÊNCIAS

- A Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB). **LEI Nº 9.394, DE 20 DE DEZEMBRO DE 1996.** Seção IV Do Ensino Médio, artigo 36, diretriz I. Disponível em: <https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/70320/65.pdf> Acesso em: 14/06/2018.
- BAPTISTA, Ana Haddad. **Educação, Ensino e Literatura: propostas para reflexão.** São Paulo, Arte Livros, 2012.
- CANO, Márcio; PORTOLOMEOS, Andréa. **Literatura e Subjetividade: aspectos da formação do sujeito nas práticas do Ensino Médio.** São Paulo, Blucher, 2016.
- CÂNDIDO, Antônio. **A literatura e a formação do homem.** São Paulo: Ciência e Cultura, 1972.
- CEREJA, William Roberto; COCHAR, Thereza. **A Literatura Brasileira.** 2 ed. São Paulo: Atual, 1995.
- CHESTERTON, GK. **G.K. Chesterton on Robert Louis Stevenson - The Victorian Web** Disponível em: www.victorianweb.org/authors/stevenson/chesterton1.html Acesso em 02/02/2017.
- FREIRE, P. **Educação como prática de liberdade.** 20. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.
- GARCIA, JULIA P. **As transformações de Dr. Jekyll & Mr. Hyde: Traduções e adaptações e demais refrações da obra prima de Robert Louis Stevenson,** 2014, 378p. Tese de doutorado – Universidade de São Paulo, FFLCH p.75-87)
- GOMÉZ, Marta; CAROLINA, Elena. **“Estudio de la obra de Stevenson sobre la base de la teoría de Jung del arquetipo de la sombra en El extraño caso del Dr. Jekyll y Mr. Hyde.”** Espanha, Scielo, 2016.
- JUNG, Carl Gustav, 1875-1961. **O Eu e o inconsciente** ; tradução de Dora Ferreira da Silva. 21. ed. -JUNG, C. G. **Man and His Symbols.** [S.l.]: Doubleday Dell Publishing Group, 1964a.
- _____. **O homem e seus símbolos.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1964b.
- _____. **O espírito na arte e na ciência.** Petrópolis: Vozes, 1985.
- _____. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo.** Tradução de Maria Luíza Appy e Dora Mariana R. F. Silva. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2000. v. IX. Petrópolis, Vozes, 2008 (Obras Completas de C.G. Jung; v .7, t. 2). 176p.
- R.L.STEVENSON. **O médico e o monstro** ; tradução de Fernando Paixão. 2ª. ed. São Paulo, Ática S.A, 1994. (título original: *“The strange case of Dr. Jekyll and Mr. Hyde.”*)
- RICHARDSON, R. J. **Pesquisa Social: métodos técnicas.** São Paulo: Atlas, 1999.
- SANFORD, JOHN A. **Dr. Jekyll e Mr. Hyde.** In: CONNIE ZWEIG E JEREMIAH
- SANTOS, L. M; CASTRO, B.; SANCHEZ, P. **O médico e o Monstro: Um diálogo entre Literatura Vitoriana, Psicanálise e Linguística de Corpus**__ In: FUSARO, MARCIA (Org.). Educação em pesquisas: Novas tecnologias e Linguagens. BT Acadêmica, 2019. ISBN 97885 9485 088
- SARDELLO, Robert J. **“In the Vale of Soul-Making: Towards an archetypal psychology”.** *PsycCritiques* 21.3 (1976): 175-177.
- STEVENS, ANTHONY. **A sombra na história e na literatura.** In: CONNIE ZWEIG E JEREMIAH

ABRAMS (Org). **Ao encontro da sombra**. São Paulo, Cultrix, 1991.

SOUZA, FRANCINA E. **Entre o bem e o mal: O mal-estar na obra O médico e o monstro**. Psicanálise e suas conexões. Disponível em: agorainsti.dominiotemporario.com/doc/artigo_francina_a_obra.pdf. Acesso em: 01/02/2017.

ZWEIG, Connie; ABRAMS, Jeremiah (Org). **Ao encontro da sombra**. São Paulo, Cultrix, 1991, 356.

SOBRE A ORGANIZADORA

ANGELA MARIA GOMES - Licenciada em Letras e Especialista em Gestão de Pessoas e Gestão de Treinamento & Desenvolvimento de Pessoas pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUC/PR). Atuação na Educação Formal como: Supervisora de Ensino; Docente em Ensino Médio e Curso preparatório para concursos na área de Língua Portuguesa; Docente em Ensino Superior nas áreas Português Instrumental e Gestão de Pessoas; Relatora do CEP – comitê de Ética em Pesquisa. Atuação na Educação Profissionalizante como Técnica em Educação Profissional, coordenando cursos de aprendizagem, capacitação e aperfeiçoamento; Instrutora de Desenvolvimento Pessoal. Participante do Programa Uaná de voluntariado executivo do ISAE/FGV – Curitiba/Pr. Palestrante nos temas: “Educação: Processo de construção, dos agentes à influência na vida profissional.” ; “Competência Humana como Diferencial Competitivo: Contrata-se pelo currículo, demite-se pelas atitudes.”; “Comunicação Assertiva”; Atualmente atua na Associação Menonita - Faculdade Fidelis - como docente e revisora dos artigos da Revista científica Cógnito, assim como instrutora de formação continuada para professores na Sem Fronteiras Tecnologia para Educação.

ÍNDICE REMISSIVO

D

Didática 52, 83
Diferença 24, 41, 42, 44, 45, 47, 48, 49, 50, 51, 84
Duplo 18, 70, 76, 79, 84, 86, 87

E

Ensaio sobre a cegueira 1, 2, 3, 14
Ensino de língua portuguesa 25
Espaço 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 17, 18, 25, 27, 28, 29, 30, 36, 38, 40, 50, 59, 63, 65

F

Formação docente 25, 27, 34

I

Interdisciplinaridade 39, 59

J

José Saramago 1, 2, 61

L

Leitura 15, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 46, 60, 61, 62, 63, 64, 72, 73, 76, 77, 78, 79, 82, 87
Linguagem de programação 52, 55
Literatura 15, 16, 17, 19, 23, 49, 59, 60, 61, 62, 64, 65, 66, 68, 71, 72, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 85, 86, 87, 88
Literatura-psicanálise 76, 82

M

Matemática 35, 59, 60, 61, 63, 64
Mentiras 65, 67, 69, 70, 71, 72, 74
Moodle 52, 53, 54, 57, 58
Música e literatura 15

P

Palavras 1, 2, 15, 19, 21, 25, 35, 37, 41, 52, 59, 60, 63, 65, 68, 69, 70, 72, 74, 76
Performance do texto literário 15
Práticas Pedagógicas 30, 58, 76

S

Sala de aula 30, 33, 34, 52, 53, 57, 58, 64, 76, 85, 87

Subjetivação 41, 42

Subjetividade 74, 76, 77, 80, 88

Surdez 41, 42, 44, 45, 46, 47, 49, 50, 51

T

Teatro brasileiro 15

V

Verdades 65, 67, 69, 70, 71, 72, 74

 **Atena**
Editora

2 0 2 0